VI SEMINÁRIO INTERDISCIPLINAR DE ENSINO, EXTENSÃO E PESQUISA
UNIVERSIDADE, CIÊNCIAS E TECNOLOGIAS: SUJEITOS, PRÁTICAS E POLÍTICAS PÚBLICAS
04 A 06 DE JUNHO DE 2024
UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
CAMPUS VI - CAETITÉ

O CONTO MARIA SOB A ÓTICA INTERSECCIONAL: RAÇA, GÊNERO E CLASSE

Juliana Sousa Araújo[1]

Valquíria Dias de Almeida[2]

Resumo: A literatura negra esteve por muito tempo à margem da sociedade, mas hoje, felizmente, ecoa cada vez mais, sendo crucial para a discussão e reflexão de vários dilemas enfrentados pelas pessoas negras. Assim, o presente trabalho tem como objetivo analisar a interseccionalidade de raça, gênero e classe a partir do conto “Maria”, do livro "Olhos d’água", da escritora Conceição Evaristo, forte representante da literatura negra. Para tanto, utiliza-se metodologicamente a pesquisa bibliográfica com abordagem qualitativa. Desse modo, embasa-se teoricamente em Crenshaw (2002), hooks (1981), Davis (1981) e Silva (1992) para subsidiar a análise do objeto de estudo. Conclui-se que a realidade da mulher negra é complexa devido a essa interseccionalidade, resultando em violências e opressões que geram desigualdades. Essa realidade é diferente da vivenciada pelo homem branco, mulher branca e homem negro. Por meio do diálogo com a história, percebe-se que os desafios enfrentados por mulheres negras perpassaram o tempo e configuram-se como uma chaga social, demonstrando a urgência de abordar e combater as diversas formas de discriminação e violência enfrentadas por essa parcela da população.

Palavras-chave: Literatura; Interseccionalidade; Violência; Opressão.

Abstract: Black literature has long been marginalized in society, but today it resonates more and more, proving crucial for discussing and reflecting on various dilemmas faced by Black people. Thus, this present work aims to analyze the intersectionality of race, gender, and class through the short story "Maria," from the book "Olhos d’água," by writer Conceição Evaristo, a prominent figure in Black literature. Methodologically, it relies on bibliographic research with a qualitative approach. Theoretical support comes from Crenshaw (2002), hooks (1981), Davis (1981), and Silva (1992) to aid in the analysis. It is concluded that create inequalities. This reality differs from that experienced by White men, White women, and Black men. Through dialogue

[1] Graduanda em Letras, Língua Portuguesa e Literaturas pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB), jujulianaaraujo164@gmail.com

[2] Graduada em Filosofia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Graduada em Letras pela Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). Mestra em Educação (UESB). Doutoranda em Educação (UESB). Professora da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) Campus IV, vda.dias1506@gmail.com

with history, it becomes evident that the challenges faced by Black women have persisted over time and constitute a social sore, emphasizing the urgency to address and combat the various forms of discrimination and violence faced by this segment of the population.

Keywords: Literature; Intersectionality; Violence; Oppression.

Introdução

O presente estudo tem como objetivo analisar a interseccionalide de raça, gênero e classe à luz do conto Maria, discutindo acerca dos fatores de violência e opressão. Para tanto, primeiramente apresenta-se a escritora, sua escrita e a narrativa do conto. No segundo momento, analisa-se os pontos interseccionais supracitados.

A metodologia deste estudo pautou-se na pesquisa bibliográfica com abordagem qualitativa. Assim, utiliza-se o conto “Maria” do livro Olhos d’água da escritora Conceição Evaristo para interpretar os fatores interseccionais, apontando suas consequências. Para fundamentar teoricamente as discussões, baseia-se em Crenshaw (2002) para entender a interseccionalidade, recorre a hooks (1981) e Davis (1981) para examinar a historicidade das diferentes violências de gênero e raça e utiliza Silva (1992) para analisar a questão da classe.

Essa temática foi escolhida, porque é um impasse extremamente contemporâneo, logo, sempre deve estar em voga. Delimita-se no estudo da raça, gênero e classe no conto “Maria”, haja vista que essa narrativa elucida bastante os pontos interseccionais, explicando as entranhas da discriminação, violência, opressão e indiferença padecida pelo grupo feminino negro. Desse modo, este estudo pode contribuir tanto para o contexto acadêmico quanto para a conjuntura social.

Metodologia

O método utilizado neste trabalho é uma pesquisa bibliográfica com abordagem na pesquisa qualitativa. Conforme Fonseca (2002), a pesquisa bibliográfica é realizada “a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites(...)” (p. 32)

Nessa perspectiva, realizou-se um levantamento de informações em artigos acadêmicos, livros, bem como sites de fontes confiáveis. Por meio do enfoque qualitativo analisa-se o conto “Maria”. Esses métodos são fundamentais, pois tornam o trabalho com parâmetros mais rigorosos, válidos, bem como confiável e, consequentemente, permeado de maior embasamento científico.

A escrita de Conceição Evaristo

Conceição Evaristo é uma romancista, poetisa e contista da literatura brasileira, nascida no estado de Minas Gerais em 1946. Suas narrativas são permeadas por traços concretos, ou seja, é uma literatura que, em nenhum momento, se desprende das vivências reais. Evaristo, por meio de sua escrita, ecoa as vozes de muitas minorias que estão segregadas e invisibilizadas. Dessa forma, ela não se pacifica mediante a hostilidade; pelo contrário, conta as agruras sofridas pelo povo negro, abordando a descriminação de raça, classe e, sobretudo, de gênero.

O seu livro olhos d’água, coletânea de quinze contos, retrata as duras experiências vivenciadas por pessoas negras em seu dia a dia, especialmente por mulheres, que são grandes protagonistas dos fios narrativos da contista.

O conto Maria

O quarto conto de “Olhos d’água”, intitulado “Maria”, retrata a história de uma mulher vítima da violência social.

Maria era uma mãe solo que trabalhava como empregada doméstica. Ela estava à espera do ônibus para retornar a casa, quando entrou no veículo, se deparou com o seu ex-companheiro, pai de um de seus filhos, que os havia abandonado. Conversaram um pouco, quando, de repente, um homem do fundo do ônibus anunciou o assalto. Esse homem era cúmplice do pai do filho de Maria. Eles a isentaram do assalto, mas esse detalhe não passou despercebido pelos passageiros que, imediatamente, a acusam de ser também cúmplice. E assim, lincharam aquela mãe solo que estava retornando ao encontro dos filhos, após a sua lida diária**.**

A violência intensificada a partir da raça, gênero e classe

O termo “interseccionalidade” foi criado em 1989 por Kimberlé Crenshaw, ativista americana de direitos civis e estudiosa da teoria crítica racial.

> A interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as Consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. Além disso, a interseccionalidade trata da forma como ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, constituindo aspectos dinâmicos ou ativos do desempoderamento. (Crenshaw, 2002, p.177)

Percebe-se que esse termo ajuda a compreender de que forma os variados marcadores sociais de opressão estão interligados e como eles se relacionam com as vulnerabilidades sociais. Assim, gênero, raça e classe são categorias que não devem ser analisadas de forma isolada, é preciso analisar todos os fatores que corroboram para efetivação das desigualdades.

É nesse enfoque interseccional de raça, gênero e classe que se ambienta a análise do conto Maria. Esses fatores opressivos foram cruciais para o desfecho trágico que cessou a vida da personagem. Nessa perspectiva, é lícito pontuar que mesmo sem provas concretas que a recriminasse, Maria foi agredida por um contingente de pessoas que lhe impediram de se defender, por julgarem que ela era cúmplice do assalto:

A violência contra a mulher negra é um dilema histórico. Davis (1981) relata sobre as precárias condições que as mulheres de origem africana enfrentaram, ao serem agredidas com chibatadas, mutilações e privações. Essa autora ainda explica que quando o tráfico negreiro foi proibido nos Estados Unidos, essas mulheres foram obrigadas a terem inúmeros filhos e, dessa forma, aumentar o número de trabalhadores nos latifúndios. Essas mães eram vistas apenas como procriadoras de mão de obra e não tinham o direito de exercerem o papel maternal.

A personagem Maria é discípula dessas mulheres, pois carrega no destino as marcas de um passado doloroso, marcado por opressões ligadas à sua cor e ao seu sexo, intensificada pela sua condição social. Ao ter a sua vida cessada abruptamente, ela também não teve o direito de ser mãe.

Infelizmente, a hostilidade sofrida pelas mulheres negras perpassa as ficções, as raízes históricas e adentram aos dias atuais. Segundo relatório da Anistia Internacional do ano de 2022, 62% das vítimas de feminicídio no Brasil são mulheres negras. Isso revela que a violência contra a mulher, principalmente contra a mulher negra é um assunto atual, o qual é extremamente carente de medidas interventivas eficientes.

É perceptível o quanto o racismo enraizado atrelado ao patriarcado e ao sexismo contribuem amargamente com essa dura realidade. Assim como Maria, fora da ficção, essas mulheres são diariamente julgadas. hooks (1981) cita o exemplo de Sojourner Truth, a qual teve que comprovar ser uma mulher, para isso precisou expor os seios desnudos. Isso porque constantemente as mulheres negras são julgadas e silenciadas, tendo que o tempo todo se insurgirem contra o sistema, assim como fez Sojourner Truth. Mas, lastimavelmente, um grande número de mulheres negras não conseguem se impor contra esse sistema e assim como Maria são silenciadas para sempre.

Outrossim, a profissão de Maria, historicamente exercida pelas mulheres negras, é outro aspecto analítico extremamente pertinente. O trabalho doméstico ainda é muito desvalorizado no Brasil. Conforme Silva (1992) após a abolição da escravatura, as mulheres negras tiveram que trocar as senzalas pelos cortiços da cidade para servir às patroas em vez das sinhás. Observa-se que o regime é o mesmo, o que se modificou foi a configuração, visto que a maioria das empregadas ainda são negras.

Para Davis (2016) “a definição tautológica de pessoas negras como serviçais é, de fato, um dos artifícios essenciais da ideologia racista” (p.102). Ou seja, esse é um artefato muito utilizado para propagação do racismo e a retroalimentação de que essas mulheres só servem para servir e serem submissas aos opressores.

A Maria do conto é plural, porque representa as várias Marias que precisam ir em busca da subsistência tanto sua quanto dos seus, muitas vezes, se desafiando e sobrevindo à condições tão precárias. A personagem enfrentou diariamente uma carga exaustiva de trabalho, uma realidade que se agravava ainda mais com o aumento dos valores das passagens.

Para ascenderem socioeconomicamente, as mulheres negras enfrentam mais desafios do que uma mulher branca, um homem branco ou até

mesmo mais que um homem negro, haja vista que a sua raça e gênero influencia diretamente. hooks (1981) aponta que o movimento do feminismo negro nos Estados Unidos, enfrentou grandes desafios, pois essas mulheres possuíam três grandes obstáculos: o racismo das mulheres brancas, o racismo e sexismo dos homens branco e o próprio sexismo dos homens negros.

No entanto, muitas mulheres negras têm se insurgido contra esse sistema de opressão que tenta silenciá-las. A escritora Conceição Evaristo é um forte exemplo de insurgência. Ela enxergou na educação um grande instrumento para mudar sua realidade.

Assim como Conceição Evaristo, as Marias refletidas no conto precisam ser vistas como símbolo de força e resistência. Elas carecem de serem ouvidas, acalentadas e amparadas. As várias Marias possuem os direitos de terem melhores condições de vida, serem respeitas, se ascenderem profissionalmente, seguir seus anseios e, principalmente, não serem julgadas por tudo e por todos.

Considerações Finais

A realidade da mulher negra é muito mais complexa do que a do homem branco, da mulher branca e do homem negro. Assim, raça, gênero e classe são fatores interseccionais essenciais para a compreensão das violências e opressões sofridas por esse grupo.

Para mudar a tônica da segregação, dominação, bem como da violência é necessária autoconscientização social que compreenda todo legado histórico de violência e opressão contra as mulheres negras. Urge também que essa minoria tenha mais proteção legislativa efetuada na prática.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOM DIA BRASIL. Mulheres negras representam 62% das vítimas de feminicídio no Brasil, aponta Anistia Internacional. G1 Notícias, 28/03/2023. Disponível em: https://g1.globo.com/bom-dia-brasil/noticia/2023/03/28/mulheres-negras-representam-62percent-das-vitimas-de-feminicidio-no-brasil-aponta-anistia-internacional.ghtml. Acesso em: 05 de abril de 2024.

BRETAS, Aléxia. DAVIS, Angela. Mulheres, raça e classe. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016, 244p. 2019.

CRENSHAW, Kimberlé. “Demarginalizing the intersection of race and sex: a black feminist critique of antidiscrimination doctrine, feminist theory and antiracist politics”. The University of Chicago Legal Forum, n. 140, 1989.

DA SILVA, Marta Helena Rosa. Mulheres negras no mercado de trabalho: empregadas domésticas. MAIA, p. 22, 1973.

DAVIS, Angela. Mulheres, raça e classe. Boitempo Editorial, 2016

EVARISTO, C. Maria. Olhos d´água. Rio de Janeiro: Pallas, 2015.

HOOKS, Bell; AIN'T IA, Woman. Black women and feminism. na, 1981.

SILVA, Benedita. Toque de mulher negra. Brasília: Centro de documentação e Informação, Coordenação de Publicações, 1992